

Simón Rodríguez, educador do século XIX: leitura histórica de uma experiência tecnocultural

Adrian Padilla Fernandez

Doutor e mestre em Jornalismo pela USP. Professor-pesquisador do Cepap e da UNESR (Venezuela). Professor visitante sênior do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira da Universidade Federal de Roraima.

E-mail: adrianpadifer@gmail.com

Resumo: Simón Rodríguez, desde o período colonial espanhol, reivindica a dialética entre educação e comunicação como fator-chave do pensamento crítico-original e condição necessária para o surgimento de novas repúblicas. Neste trabalho propomos uma leitura histórica da compreensão do mestre Rodríguez sobre a importância das tecnologias de comunicação de sua época. A recorrência de Simón Rodríguez, em seus textos, ao que é escrito, publicado e divulgado, como parte fundamental dos processos de estruturação da opinião pública e da percepção do que é público na configuração da realidade social, nos fala de sua avaliação da sociedade e da sua valorização da centralidade tecnológica comunicacional, como foi a imprensa no século XIX, época em que viveu.

Palavras-chave: Simón Rodríguez; educação; práticas tecnoculturais.

Abstract: Simón Rodríguez, since the Spanish colonial period, claims the dialectic between education and communication as a key factor of an original-critical thinking and a necessary condition for the emergence of new republics. In this work we propose a historical reading of the comprehension of master Rodríguez about the importance of the communication technology of his time. The return of Simón Rodríguez, in his texts, to what is written, published, and divulged, as a fundamental part of the structuring processes of the public opinion and of the perception of what is public in the configuration of the social reality, it tells us about its evaluation of society and its valuing of technological centrality, as was the press in the 19th century, at the time he was alive.

Keywords: Simón Rodríguez; education; technocultural practices.

1. INTRODUÇÃO

*La razón cumple con su encargo diciendo que,
para gozar de los bienes de la libertad,
la imprenta no debe tener otros límites
que los que pone el respeto debido a la sociedad¹.*

Ao propor uma imersão reflexiva na dimensão da educomunicação, tomando como referência fundamental o pensamento de Simón Rodríguez, pretendemos abordar uma problemática que sugere uma leitura não linear de um tempo histórico – na sua passagem de dois séculos –, focalizando nosso olhar no dinamismo das práticas sociais envolvidas em seus processos educacionais e comunicativos.

Compreendemos a intersecção de campos do conhecimento – educação e comunicação – como um espaço no qual se desdobram relações complexas, tecidas no cotidiano público e privado com a intermediação de tecnologias diversas. Também entendemos essa intersecção como história e memória, cultura e expressão dos sentimentos mais íntimos de uma sociedade.

Podemos afirmar que todo tempo histórico dispõe de um componente tecnológico comunicacional que é, de forma relevante, configurador das subjetividades sociais, as quais expressam as marcas do período. Nesse sentido, ao se tentar um balanço das tecnologias que tiveram um impacto significativo nos processos sócio-históricos, devemos nos referir ao desenvolvimento tecnológico da informação e comunicação. É assim que reconhecemos a centralidade tecnológica da imprensa desde sua invenção no final do século XV no Ocidente², fundamental para a promoção da atividade editorial e jornalística, com o seu consequente impacto na cultura do livro, na educação e na atividade política.

O predomínio tecnológico da imprensa escrita estendeu-se ao longo de muitos anos, sendo fundamental para a sociedade dos séculos XVIII e XIX. Consideramos que o uso da tecnologia gera conhecimentos e relações que definimos como práticas tecnoculturais. Com isso, nos referimos a uma complexidade que abarca a dinâmica dos sujeitos sociais em sua relação com – e por meio – da mídia. Se ampliarmos essa visão para a contemporaneidade, estaríamos vendo como o uso das diversas tecnologias comunicacionais (mídia escrita, rádio, televisão, multi e transmídia da internet) constituem práticas sociais com centralidades midiáticas configuradoras dos sujeitos nos seus contextos históricos.

A partir de uma leitura histórica não linear, localizamos o educador, escritor, artesão, filósofo e político Simón Rodríguez como um sujeito do século XIX que teve consciência e sensibilidade sobre a linguagem, a tecnologia e, sobretudo, sobre as suas implicações políticas, sociais e culturais.

2. BREVE PERFIL BIOGRÁFICO³

Simón Rodríguez nasceu em Caracas, em 1771⁴. Órfão, foi criado por Caetano e Rosália Rodríguez que o acolheram como filho, e sua educação esteve a cargo

1. RODRÍGUEZ, Simón. **Obras Completas**. Caracas: Uners, 1975, p. 410.

2. Há evidências de que na sociedade chinesa, antes da europeia, trabalhava-se com as técnicas de reprodução gráfica. Já no século IV, são conhecidos os volumes de papel esfregado em placas de metal ou madeira com textos e desenhos gravados ao contrário. Por volta do século VII, a xilogravura ou impressão usando placas de madeira gravadas eram de uso comum na China. TSIEN, Tsuen-Hsuei. China, inventora del papel, la imprenta y los tipos móviles. **El Correo de la Unesco**, Washington, DC, v. 25, n. 12, p. 4-11, 1972.

3. Entre os biógrafos de Simón Rodríguez se destacam Alfonzo Rumazo González (Equador), Miguel Luis Amunátegui (Chile) e Rafael Ramón Castellanos (Venezuela).

4. Essa é a data que mais predomina nos trabalhos de seus biógrafos, embora alguns afirmem que o ano de nascimento foi 1769.

do tio, que era sacerdote. Nesse tempo, na Caracas colonial viviam os espanhóis e os *criollos*⁵, servidos pelos negros escravizados. Para essa sociedade, o trabalho era uma desonra, e aos filhos da classe dominante se permitia unicamente a carreira militar, além dos postos de mando da vida cotidiana. Havia apenas três estabelecimentos de educação na cidade: o convento dos franciscanos, uma escola pública e a universidade. Simón foi alfabetizado em casa pelo tio, e era um garoto aplicado e observador. Amava ler e devorou cada livro que encontrou na biblioteca familiar. Na Caracas daqueles dias chegavam as ideias dos franceses da Ilustração, como Montesquieu, Voltaire e Rousseau, as quais Simón Rodríguez passou a conhecer. Também tinha acesso aos escritos que chegavam dos Estados Unidos e acompanhou o processo de independência daquele país, bem como a Revolução Francesa. Em vista disso, forjou-se nele o espírito da rebelião.

Em 1791, com apenas 20 anos, conseguiu o cargo de professor numa escola pública, na qual tinha sob seu comando 114 estudantes. Embora não tivesse experiência, Rodríguez observava que o ensino ministrado não tinha um método, e começou a refletir sobre essa deficiência. Como conhecedor de Rousseau, pretendia estabelecer outra relação com os aprendizes, mas acabou prisioneiro das regras. Então, decidiu ensinar alguns deles em sua própria casa, que gradativamente se tornou uma escola. A partir dessa experiência, o tutor de Simón Bolívar propôs que ele assumisse a educação do garoto órfão, então com nove anos. Esse foi o início de um vínculo que se refletiria na vida de ambos os *caraqueños*, com implicações nas lutas de independência da América Latina.

Após 1797, o mestre de Bolívar saiu da Venezuela e, com o nome de Samuel Robinson, fez um percurso de mais de duas décadas pelo Caribe, Estados Unidos e Europa, o qual contribuiu para sua condição de filósofo, político e educador, além de artesão em vários ofícios. Em 1823, retornou à América, especificamente à Colômbia, depois desse longo exílio, no qual amadureceu suas ideias sobre educação e política, nutridas pelo pensamento dos iluministas e de socialistas utópicos como Saint-Simon e Charles Fourier, entre outros autores europeus.

Após seu retorno, Simón Bolívar propôs a Rodríguez que assumisse a tarefa de organizar a instituição educativa nas novas repúblicas surgidas com a independência da América espanhola. Durante vários anos percorreu o território latino-americano (Colômbia, Equador, Bolívia, Chile e Peru) desenvolvendo experiências educativas inovadoras e manifestando de forma permanente e clara um posicionamento político crítico às novas elites, ações que lhe trouxeram inimigos entre os grupos governantes. Faleceu em Amotape (Peru), em 1854. Em seu legado intelectual, deixou importantes marcas textuais que nos permitem afirmar que foi um educador do século XIX.

3. A PALAVRA ESCRITA

Simón Rodríguez reconheceu a relação entre comunicação e educação ao colocar a linguagem como preocupação fundamental da ação educativa⁶.

5. Os *criollos* ou mantuanos, como eram chamados, eram filhos de espanhóis nascidos na Venezuela. Eram ricos e poderosos, embora ocupassem posições subordinadas. Eles rivalizavam com os brancos "puros" espanhóis e aspiravam ocupar seus espaços. Os *criollos*, assim como os espanhóis, desprezavam as raças que consideravam inferiores.

6. RODRÍGUEZ, Simón. Extracto sucinto de mi obra sobre la educación republicana. *Historia de la Educación Latinoamericana*, Tunja, n. 9, p. 105-134, 2007.

Para ele, o discurso de quem ensina deve promover a apropriação da linguagem pelo aprendiz para a expressão de seu pensamento, reivindicando assim a dialética entre educação e comunicação como configuradora de uma educação que transformaria o pensamento colonial, capaz de promover o pensamento crítico necessário para o surgimento de novos republicanos.

Rodríguez entendeu a importância da tecnologia de comunicação de sua época. Isso se refletiu em sua criação intelectual reunida em livros e periódicos. Como escritor, deixou marcas textuais fundamentais, dentre as quais podemos destacar *Reflexiones sobre los defectos que vician la escuela de primeras letras en Caracas y medios de lograr su reforma por un nuevo establecimiento* (1794) e *El libertador del mediodía de América y sus compañeros de armas* (1830). Da mesma forma, destaca-se a obra *Sociedades americanas*, dividida em várias edições, publicadas em Arequipa (Peru), em 1828, Concepción (Chile), em 1834, Valparaíso (Chile), em 1838, e Lima (Peru), em 1842. Nesse texto, Rodríguez insiste na necessidade de encontrar soluções adequadas aos problemas de nosso continente, ideia que sintetiza também em *A América espanhola é original, suas instituições e seu governo devem ser originais e seus meios de fundar um e outro deve ser original. Ou inventamos ou erramos*⁷.

É importante apontar a reiteração à imprensa, aos livros e à escrita como elementos que permeiam múltiplas dimensões, como a da educação, da política e da cultura. Na edição limenha de *Sociedades americanas*, de 1842, Rodríguez afirma que⁸

los AUTORES, que obtienen privilejio de publicación,
PROTESTAN, en las primeras hojas de sus libros,
PERSEGUIR, con todo el rigor de la lei,
a los CONTRAFACTORES de sus obras.

YO NO AMENAZO:

sólo pido, a mis contemporáneos,
una declaración, que me recomiende a la posteridad,
como al primero que propuso, en su tiempo,
medios seguros de reformar las costumbres⁹.

Na introdução ao tratado *Luzes e virtudes sociais*, ele faz uma leitura crítica do uso da tecnologia de impressão que era feito para responder a certas visões e posições que se sustentam sobre o fato social:

En prueba de que, con acumular conocimientos, extraños
al arte de vivir, nada se ha hecho para formar la conducta
social –véanse los muchísimos sabios malcriados, que
pueblan el país de las ciencias. Un filólogo puede hablar de
la estrategia con propiedad, y no ser, por eso, soldado.
Tampoco son medios de JENERALIZAR
ni pueden suplir por ellos
los continuos actos de PUBLICACIÓN que se hacen
enseñando en Escuelas, Colejios y Universidades
ni los de DIVULGACIÓN
que se hacen por la prensa

7. Idem. *Inventamos o erramos*. Caracas: Monte Ávila, 2004.

8. Decidimos deixar as citações diretas de Rodríguez em espanhol e na forma que foram escritas, uma vez que esse modo de organizar o texto é uma das marcas da sua proposta comunicativa.

9. RODRÍGUEZ, Simón. *Inventamos... Op. cit.*, p. 101.

lo que no es JENERAL
sin excepción

no es verdaderamente PÚBLICO
y
lo que no es PÚBLICO no es SOCIAL¹⁰.

A recorrência de Simón Rodríguez ao que se escreve, se publica e se divulga, como parte fundamental dos processos de estruturação da opinião pública e da percepção do público na configuração da realidade social, mostra sua avaliação da centralidade tecnológica da imprensa na época em que viveu.

Como Samuel Robinson, nome que assume ao sair da Venezuela após o fracasso da conspiração de Gual e Espanha, em 1797, ele mergulha na dimensão idiomática anglo-saxônica nas suas passagens pela Jamaica e pelos Estados Unidos. Nesses territórios, fortalece sua condição de educador e, além disso, de leitor das obras fundamentais de Voltaire, Montesquieu, Defoe e Rousseau. Coerente com sua prática de educação para a vida a partir da ideia de educar a mente e as mãos, dedica-se a conhecer e dominar diversos ofícios. Entre eles se destaca o trabalho de tipógrafo que o coloca no centro da dinâmica tecnológica da imprensa. Segundo Castellanos, foi nas cidades de Baltimore e Filadélfia que adquiriu esse aprendizado por meio da abordagem de uma tradição técnica, escrevendo posteriormente as *Proclamações da Filadélfia*, de 1774 e 1775, documentos fundamentais no processo de independência estadunidense¹¹. O historiador afirma que nesse momento Rodríguez pode ter configurado a sua criatividade, no sentido de que “a arte da escrita precisa da arte da pintura”, que anos depois, em Chuquisaca (Bolívia) e Arequipa (Peru), o aproximaria da produção de livros.

Nesse sentido, o pesquisador venezuelano Pedro Grases, ao se referir à obra tipográfica de Rodríguez, indica que

Cada página é concebida de forma singular e não por capricho, mas tendo em consideração a distribuição tipográfica de espaços, tipo de letra, linhas recortadas, maiúsculas, colchetes, equivalências e até sinais de pontuação para uma melhor compreensão da ideia que pretende transmitir¹².

Com essas referências do trabalho educativo e comunicativo do mestre Rodríguez, pode-se reconhecer um importante antecedente para as propostas educacionais que dois séculos depois se desenvolveram fundamentalmente na América Latina.

4. DISCURSO ROBINSONIANO

No amplo leque de possibilidades a que podemos recorrer para nos referirmos ao cultivo do discurso de Simón Rodríguez como componente constitutivo da prática educacional, consideramos que na construção teórica do Círculo de

10. Ibidem, p. 42.

11. CASTELLANOS, Rafael R. *Simón Rodríguez*. Pensador universal y pulpero de Azángaro. Caracas: Fogade, 2005.

12. GRASES, Pedro. *Simón Rodríguez y la imprenta*. Caracas: Imprenta Nacional, 1954, p. 118, tradução nossa.

Bakhtin¹³ se pode encontrar pistas-chave para uma imersão na sua criação educativa, filosófica e política. Nesse sentido, destaca-se, por um lado, o olhar de Valentin Volóchinov, para quem a palavra é fundamentalmente um fenômeno ideológico:

Toda a realidade da palavra é absorvida pela função do signo. A palavra não contém nada que esteja vinculado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é a forma mais pura e sensível de relacionamento social¹⁴.

Por outro lado, encontramos na obra de Bakhtin o conceito de dialogismo, um princípio constitutivo da linguagem e a condição de sentido do discurso¹⁵. O dialogismo interacional leva a uma mudança na concepção tradicional do sujeito, o qual perde seu papel no centro e é substituído por diferentes vozes sociais que o tornam um sujeito histórico e ideológico.

Ao caracterizar o discurso robinsoniano, podemos afirmar que se observa claramente aquele sujeito histórico que enuncia e questiona até mesmo o lugar social do anticolonialismo encarnado nos *padres libertadores*; mostra seu radicalismo e antagonismo às ideias, ações e privilégios da colônia assumidos por alguns chefes após a guerra de independência; propõe, como forma de erradicar a pobreza, a criação de comunidades autossuficientes; e apresenta o conceito de *toparquía* como o exercício de poder com raízes territoriais.

Com Daniel Prieto afirmamos que o discurso do mestre Rodríguez é fundamentalmente político, o que fica claro em toda a sua obra escrita, como ensaios, artigos, textos científicos e produção epistolar¹⁶. Suas propostas pedagógicas, seu raciocínio sobre a sociedade e sua análise das desigualdades entre os diferentes setores da população respondem a uma consequente atitude e atividade política. Em termos de estilo, há uma polêmica permanente com interlocutores que refutam, reagem e até fazem propostas antilibertárias. O autor argentino reconhece na prática de Rodríguez dois tipos de discurso político, descrevendo-a como tal:

O primeiro é orientado para o impacto, o fascínio, o delírio; o segundo para a busca conjunta, percepção crítica, razão. O que concentra todo o poder em um emissor privilegiado, refina palavras como facas, exhibe cenografias, se enche de fogos de artifício e golpes de efeito. O outro compartilha o poder, busca conceitos sem descuidar da beleza, resiste a jogos cenográficos e ao efeito. A pessoa viaja pelas superfícies, detém-se aqui ou ali para levantar uma onda mais ou menos esplêndida, para mostrar uma joia, e então continua seu caminho em busca de algum outro objeto mágico. O outro pede profundidades, contextos, história; ele sabe que além das exceções existe o fluxo de eventos e seres, cheios de complexidade, ricos em luzes e trevas. Prega um, educa o outro¹⁷.

Em seu texto *Luces y virtudes sociales*, Rodríguez refere-se à importância da forma no discurso, não como formalismo e sim como um jogo de sentidos, isto é, como geradora de sentidos¹⁸. Ao mostrar as chaves da sua proposta discursiva, dá ênfase à forma, que define como um modo de existir:

No se trata de la importancia de la Palabra porque

13. Experiência teórica russa na qual os trabalhos de Mikhail Bakhtin (1895-1975), Valentin N. Volóchinov (1895-1936), Pável N. Medviédév (1891-1938) etc. dialogam entre si, fortalecendo uma concepção de linguagem na busca de um método sociológico singular. Essas contribuições apontam para a construção de conhecimento linguístico, literário e filosófico. Nesse sentido, os textos por eles produzidos, seja da linguagem artística ou cotidiana, oferecem caminhos para uma teoria do discurso, pertinente para as humanidades em geral.

14. VOLÓCHINOV, Valentin N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1979, p. 36.

15. BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

16. PRIETO, Daniel C. **Utopía y comunicación en Simón Rodríguez**. Caracas: Texto, 1987.

17. *Ibidem*, p. 78, tradução nossa.

18. RODRÍGUEZ, Simón. **Obras...** Op. cit.

No hay quien no la conozca
La importancia de su PINTURA
la conocen pocos bien
muchos... ni piensan en ella
no obstante
Se puede pintar sin hablar
pero no se puede hablar sin pintar¹⁹.

O escritor se refere também ao resgate da página como um espaço visual: o pintar que propõe é uma chamada a subverter a monotonia das linhas dos livros, proposta coerente com a leitura em totalidade da própria situação social. A pintura com a palavra está mais próxima da expressão oral, de uma eloquência fundada em princípios, de uma retórica educativa para os setores que ainda não estão fora da ignorância e de uma apresentação de temas por aforismos para os que já sabem. De igual modo, Rodríguez mostra interesse pela expressividade oral tanto na leitura dos textos quanto na interação com a vida cotidiana e dinâmicas educativas. Ele sublinha o drama, a eloquência, a ironia que dão tempos e tons para configurar – pintar – os discursos.

Na mostra das estratégias discursivas de Simón Rodríguez, destaca-se a encenação do que os teóricos do Círculo de Bakhtin chamam de discurso autoritário e discurso poético: por um lado, o autoritário, ou monofônico, é aquele que não apresenta as diferentes vozes em conflito e as diferentes posições que compõem o discurso, mas se mostra como o discurso da verdade única; por outro lado, o discurso poético, ou polifônico, é aquele que representa o diálogo intertextual, as complexidades e contradições dos conflitos sociais. No discurso robinsoniano uma poética indiscutível se revela com o desdobramento de uma retórica educacional na qual a palavra falada e escrita, a metáfora criativa, a ironia inteligente etc. são relevantes. Ressalta-se, ainda, os expressivos recursos gráficos que subverteram a ordem monótona nas páginas impressas e a organização geral do texto.

Angel Rama afirma que o educador e filósofo venezuelano propôs não uma arte de escrever, mas uma arte de pensar, e subordinou a escrita – em sua forma expressiva peculiar – usando diferentes tipos de letras, chaves, parágrafos e ordenamentos numéricos, a fim de distribuir a estrutura do pensamento no espaço²⁰. A formação discursiva que cultivava Simón Rodríguez é anticolonialista, autônoma e criativa. O lugar de enunciação no discurso robinsoniano é a república, tanto na América espanhola como em outras latitudes, e uma de suas marcas textuais mais fortes é a originalidade, é pintar o pensamento próprio sofrendo o risco de cometer erros. “Inventamos ou erramos”, disse de forma contundente.

5. EDUCAÇÃO E TRÂNSITOS EMANCIPATÓRIOS

Toda a atividade educativa de Rodríguez foi inspirada por um projeto libertador não somente do domínio político-econômico do poder colonial,

19. *Ibidem*, p. 151.

20. RAMA, Angel. La ciudad escrituraria. In: RAMA, Angel; SOSNOWSKI, Saúl; MARTÍNEZ, Tomás E. (org.). *La crítica de la cultura en América Latina*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985. p. 3-18.

mas sobretudo do pensamento e da compreensão da realidade social e cultural. Ali dirigiu suas palavras e ações para a desconstrução dos imaginários sociais que, por meio de usos e costumes, consolidaram o arcabouço do senso comum de dependência e a reprodução da lógica dominante.

A linguagem é uma preocupação fundamental em seu trabalho educativo, e por isso Rodríguez deixou claro que o discurso de quem ensina deve promover uma apropriação crítica do educando para a expressão de um pensamento original, autêntico e próprio e para o surgimento de novas e novos republicanos.

Nessa visão crítica, ele propõe a incorporação do entendimento semiótico para ler com sentido os textos que nos habitam e falam sobre a vida de todos. Insiste também em apelar a um refinamento do olhar e do pensamento que nos permita perceber as diferenças que distinguem um objeto material de outro como forma de fugir da ignorância, a qual dá frutos para quem defende a permanência e rejeita as transformações. Nessa relação com a linguagem, o mestre Rodríguez enfatiza a materialidade textual do conhecimento (livros) e a intermediação tecnológica (imprensa) que o torna possível. Exige o desenvolvimento de uma verdadeira política e de uma verdadeira gramática e, nesse sentido, afirma:

A discutir estas cuestiones son llamados
 TODOS los hombres que se creen con derecho á
 INFLUIR
 POR SUS LUCES
 y éstos son

los que están convencidos de que
 el BIEN SOCIAL depende del SABER

los que saben, que la República de las Letras
 se compone de los que LEEN
 que no hay qué LEER si no se ESCRIBE
 y que la pluma de la filosofía es
 la imprenta

los que saben, que al que escribe
 no se le ha de MOVER LA MANO
 ni al que dicta se le ha de distraer
 con conversaciones ajenas al asunto
 á los que saben que sin Libros no habría ciencias, y sin
 ciencias no habría Sociedad²¹.

Simón Rodríguez também defende a educação popular para a formação geral de toda a população e como meio de alcançar o bem-estar social, o qual é conquistado pela harmonização dos sujeitos na sua relação com a natureza; destaca a importância do lugar onde o natural é encontrado e o social acontece; confronta a escola europeia com um modelo original americano que ele

21. RODRÍGUEZ, Simón. In-ventamos... Op. cit., p. 90.

chama de *escuela social*, lugar de outras Luzes. Nesse espaço, além de promover a aprendizagem de filosofia, ciências naturais e línguas, inclusive as originais das populações indígenas, em detrimento do latim, que, segundo ele, deveria ser do interesse de quem quisesse se ordenar como clérigo. Foi assim que propôs essas ideias nas instâncias do poder público que ocupou e, também, na sua prática como educador, enquanto as condições o permitissem. Na sua concepção de *maestranzas* encontramos referências importantes para escolas de artes e ofícios e escolas técnicas que surgiram posteriormente.

Segundo Walter Omar Kohan, Rodríguez acredita e trabalha em uma educação para pessoas críticas, pensantes e reflexivas. Nesse sentido, aprecia estudantes irreverentes muito mais do que os dóceis; aposta naqueles capazes de recriar o pensamento, a vida, a ordem social. O mesmo pede ou exige dos professores. É o que ele também oferece em sua prática pedagógica e em sua vida:

Simón Rodríguez é um irreverente, iconoclasta. Não pensa no que se deve pensar, não vive como se deve viver, não atua como se deve atuar. Pelo contrário, centra precisamente a sua missão educativa em inverter boa parte dos valores que sustentam a sociedade colonial, para que ela se torne uma verdadeira República. Ele faz isso de várias maneiras, incansável, obstinado, teimoso²².

Para Kohan, essa personalidade de Rodríguez se mostra em seus escritos, tanto nos textos mais programáticos quanto em suas cartas, nas grandes ideias e nos pequenos detalhes²³. Em seus textos, é um crítico feroz e insistente daqueles que não entendem o que é preciso fazer na América. Em uma série de gestos, afirma sua visão crítica do mundo de modo consistente e corajoso.

Essa experiência educativa de Simón Rodríguez se redimensiona dois séculos depois. Os desafios que marcaram o seu projeto pedagógico e político continuam presentes para educadores e educadoras do século XXI que propõem a emancipação no âmbito educacional. Trata-se de fortalecer um pensamento crítico perante uma hegemonia globalitária, levando em conta um desenvolvimento tecnológico que atravessa toda a realidade social, com ênfase nas dinâmicas educativas. A imprensa do século XIX, que está no centro da ação educativa e do pensamento político-filosófico de Rodríguez, pode ser comparada às tecnologias digitais da atualidade. Estas permitem as múltiplas telas que geram a *deslocalização* e o *descentramento* da educação, a qual não acontece só na escola nem tem o livro como único instrumento para a aprendizagem.

6. TOTALIDADES COMPLEXAS

No trabalho de Rodríguez também identificamos uma perspectiva complexa que se opõe à fragmentação e às parcialidades que afetam a percepção da realidade e os processos de aprendizagem. O filósofo refere-se à necessidade de conhecer a totalidade das condições do fato social, para o qual deve almejar uma educação que leve em conta a complexidade da natureza e das relações sociais. Nesse sentido, propõe:

22. KOHAN, Walter O. *El maestro inventor*. Simón Rodríguez. Caracas: Edea: UNESR, 2014, p. 100, tradução nossa.

23. *Ibidem*.

1er. PRINCIPIO

No hay objeto aislado; el más independiente, al parecer, tiene Relaciones-En los esfuerzos que hacemos para aislarlos está el trabajo de ABSTRAER. En no perder contigüidades ni adyacencias, consiste la capacidad del sentido = esto es lo que en los juicios llamamos DISCRECIÓN²⁴.

Fala-nos de contiguidades e adjacências para identificar o contexto que possibilita o significado. Ou seja, é nessa dimensão que se torna possível pensar na totalidade, no reconhecimento e na valorização de todos os elementos de um processo. E adiciona:

2do. PRINCIPIO

El movimiento más libre tiene dependencia=
la parte moviente
el todo al que pertenece
el lugar, el tiempo, el modo
son circunstancias
y los objetos presente
Si en lo que enseñamos o queremos aprender
Falta UNA SOLA relación o circunstancia
Enseñamos o aprendemos MAL –i si observamos
o hacemos observar UNA SOLA,
ni aprendemos ni enseñamos²⁵.

Trata-se de reconhecer a nossa existência num mundo complexo e reforçar a capacidade de olhar e refletir sobre os processos, assistindo à sua contextualização e ao surgimento de novos fatos ao nosso redor, que, relacionados, envolvem novos processos que geram novas circunstâncias. Passados dois séculos, aquele olhar de Rodríguez continua a questionar sobre uma educação que se aproxima da complexidade da vida, promovendo múltiplas estratégias de pensamento, com abstração e desagregação, e simultaneamente refinando a relação, a reflexão e a capacidade de síntese. Isso nos convoca à inovação metodológica, à criação intelectual, ao desenvolvimento de novas escritas, com novas categorias e desdobramentos discursivos que deem conta do dinamismo do qual fazemos parte nesse tempo histórico.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos a educomunicação como um campo de conhecimento localizado principalmente na América Latina. Ao investigar as experiências que foram e são guiadas sob essa perspectiva, encontramos fortes vínculos com todo o percurso que se fez desde a educação e a comunicação popular. Nessas práxis educativas de emancipação impulsionadas pelos movimentos sociais em todo o território latino-americano e refletidas por educadores de grande importância, como Paulo Freire, Mario Kaplún, Lola Cendales, Alfonso Torres, Francisco Gutiérrez etc., visualizamos a obra de Simón Rodríguez como uma referência fundamental com sua extraordinária validade histórica. Por isso afirmamos que foi um educador do século XIX, ao se apropriar dos recursos tecno-comunicacionais de

24. RODRÍGUEZ, Simón. *Obras...* Op. cit., p. 406.

25. *Ibidem*, p. 406.

seu tempo para educar-comunicando e comunicar-educando, como logo propria Paulo Freire, além de refletir teoricamente sobre o processo educacional. Com essa força, propomos processos formativos que nos permitem compreender e atuar em realidades complexas com suas múltiplas mediações.

Na contemporaneidade a centralidade da mídia é preponderante e, por isso, é definida por alguns autores, a partir de uma perspectiva de determinismo técnico e encantamento tecnológico, como a *era da informação*²⁶. Por outro lado, no campo do pensamento crítico se destacam categorias e conceitos como a *idade mídia*²⁷, de Antonio Canelas Rubim, *o príncipe eletrônico*²⁸, de Octavio Ianni, *comunicação-mundo*²⁹, de Armand Mattellart, e *comunicação como conjunto de práticas sociais*³⁰, de Armand e Michèle Mattelart, que, além do *midia-centrismo*, refletem em profundidade sobre a complexidade do modelo civilizatório do capitalismo globalitário, problematizando as suas implicações tecno-políticas e sociotécnicas.

Na obra de Rodríguez há pistas para ir além do estudo de uma visão de justaposição das dimensões comunicação-educação; trata-se de refletir sobre a incorporação de mídias e tecnologias aos processos educativos, bem como das práticas tecno-culturais, transversais na aprendizagem social contemporânea. Esse pensamento cultivado no século XIX nos leva a considerar que o fundamental é o desdobramento de estratégias de aprendizagem que problematizem o lugar de enunciação – isto é, modos de pensar, ser e estar no mundo – presente nos discursos e também nos modos de produzir sentido, de nomear (linguagem) e de nos relacionar. É uma reflexão sobre a perspectiva educacional que envolve outras sensibilidades e racionalidades comunicativas.

No centro desse contexto devemos transcender a decodificação dos discursos que circulam em diversos formatos e a velocidades vertiginosas, para colocar as palavras que nos permitem moldar nosso destino no momento em que uma emergência planetária nos chama a abrir os caminhos do alternativo, do autêntico, do original. Esses caminhos se harmonizam por um mundo melhor para os povos entre si e em sua relação com os ambientes integrais – naturais, sociais e culturais –, tal como pensado por Simón Rodríguez no século XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CASTELLANOS, Rafael R. **Simón Rodríguez**. Pensador universal y pulpero de Azángaro. Caracas: Fogade, 2005.

GRASES, Pedro. **Simón Rodríguez y la imprenta**. Caracas: Imprenta Nacional, 1954.

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

KOHAN, Walter O. **El maestro inventor**. Simón Rodríguez. Caracas: Edea: UNESR, 2014.

26. MCLUHAN, Marshall; POWERS, Bruce R. **La aldea global**: transformaciones en la vida y los medios de comunicación mundiales en el siglo XXI. Barcelona: Gedisa, 1995; TOFFLER, Alvin. **La tercera ola**. Bogotá: Plaza & Janés, 1980; LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. México: Antrhopos, 2007.

27. CANELAS RUBIM, Antônio A. (org.). **Idade mídia**. Salvador: EDUFBA, 1995.

28. IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

29. MATELART, Armand. **Comunicação-mundo**: história das ideias e das estratégias. Petrópolis: Vozes, 1994.

30. MATELART, Armand; MATELART, Michèle. **Pensar sobre los medios**: comunicación y crítica social. Madrid: Fundesco, 1987.

- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. México: Anthropos, 2007.
- MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **Pensar sobre los medios: comunicación y crítica social**. Madrid: Fundesco, 1987.
- MATTELART, Armand. **Comunicação-mundo: história das ideias e das estratégias**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MCLUHAN, Marshall; POWERS, Bruce R. **La aldea global: transformaciones en la vida y los medios de comunicación mundiales en el siglo XXI**. Barcelona: Gedisa, 1995.
- PRIETO, Daniel C. **Utopía y comunicación en Simón Rodríguez**. Caracas: Texto, 1987.
- RAMA, Angel. La ciudad escrituraria. *In*: RAMA, Angel; SOSNOWSKI, Saúl; MARTÍNEZ, Tomás E. (org.). **La crítica de la cultura en América Latina**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985. p. 3-18.
- RODRÍGUEZ, Simón. **Obras Completas**. Caracas: Uners, 1975.
- RODRÍGUEZ, Simón. **Inventamos o erramos**. Caracas: Monte Ávila, 2004.
- RODRÍGUEZ, Simón. Extracto sucinto de mi obra sobre la educación epublicana. **Historia de la Educación Latinoamericana**, Tunja, n. 9, p. 105-134, 2007.
- RUBIM, Antônio A. C. (org.). **Idade mídia**. Salvador: EDUFBA, 1995.
- TOFFLER, Alvin. **La tercera ola**. Bogotá: Plaza & Janés, 1980.
- TSIEN, Tsuen-Hsuin. China, inventora del papel, la imprenta y los tipos móviles. **El Correo de la Unesco**, Washington, DC, v. 25, n. 12, p. 4-11, 1972.
- VOLÓCHINOV, Valentin N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1979.